

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 136

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

## A QUESTÃO CLERICAL

«Ao pé da rainha estavam só duas camareiras, uma creada e a parteira. A condessa de Lunderland, mulher do primeiro ministro, e lady Bellasis, dama catholica, chegaram pouco depois. O rei veio tambem, trazendo consigo uns vinte personagens, membros da camara alta e do conselho privado. O embaixador da Hollanda não foi prevenido. O rei e o seu sequito collocaram-se do lado opposto ao leito da rainha. O leito ficava collocado n'uma alcova e occulto á vista por espessos cortinados, fechados com o maior cuidado. As damas estavam na alcova, que communicava com outros aposentos por uma porta ao fundo. A rainha deu um grito. As mulheres participaram que tinha dado á luz e uma d'ellas sahio da alcova, trazendo uma trouxa, onde ia a creança, segundo ella disse, creança que ninguem viu, nem ouviu. A condessa de Lunderland fez ao rei um signal combinado e então elle annunciou, áquelles que o cercavam, que um principe de Galles tinha nascido, exprimindo no rosto mais inquietação do que alegria. As pretendidas testemunhas do parto sahiram sem terem visto nada e a noticia tornou-se logo publica. Em seguida a esta scena, que desempenhou com tanta presença de espirito como energia, a rainha não tentou provar que estava realmente parida. A princeza da Dinamarca chegou tres dias depois, mas não foi admittida no segredo do leito, que continuou a ficar limitado á condessa de Lunderland, lady Bellasis e ás camareiras papistas.

O medico Chamberlain, que costumava assistir aos partos da rainha, não foi chamado, nem antes nem depois da rainha ter dado á luz o tal principe de Galles. Esse medico julgou primeiro que teria sido chamado outro collega seu, mas, se foi assim, nunca se conheceu o nome d'esse collega, sendo, comtudo, indispensavel para confirmar o parto, ao menos. Não eram tão ingenuos os papistas que o tivessem dispensado por simples negligencia.

Quanto á creança, os medicos, que a viram nos primeiros dias, acharam-lhe uma apparencia de força muito extraordinaria n'uma creança que nasceu antes de tempo e de mãe cuja saude era tão fraca. Comtudo, nem assim viveu, sendo precisa nova substituição, feita tão grosseiramente como a historia da gravidez e do parto. A creança adoeceu, chamados os medicos viram que estava perdida e déram-lhe minutos de vida; mas, regressan-

do depois de meia hora de ausencia, encontraram a creancinha, pouco antes moribunda, tão fresca e tão livre de todo o soffrimento que se olharam pasmados. O caso era tão extraordinario que a gente da côrte teve que o explicar por milagre. Fóra Deus, que operara aquella mudança repentina. Os medicos retiraram-se, sem se atreverem a dizer uma palavra.

O nascimento do pretendido principe de Galles foi celebrado com festas, por ordem da côrte. O povo de Londres não se associou a ellas; mas tambem não as perturbou, reservando todas as suas manifestações de descontentamento ou alegria para o negocio dos bispos.

Seis dias depois do nascimento do principe de Galles, os bispos foram conduzidos da Torre ao tribunal. A cidade de Londres poz-se em movimento para os vêr passar; os bispos atravessaram as ruas apinhadas de povo, que ora ajoelhava, em profundo recolhimento, recebendo a benção, ora, de pé, os victoriava, fazendo resoar estrondosas aclamações. Os bispos eram seguidos por um numeroso cortejo de gente rica e distincta. As mulheres da mais alta classe tinham occupado com antecipaçaõ a sala do tribunal e quando os bispos se assentaram no banco dos réos, muitos pares se collocaram detraz d'elles para accentuar publicamente que aquella causa era a causa d'elles. Desde o levantamento geral dos inglezes contra o ministerio de Laud e Strafford, que se não via a sociedade ingleza manifestar-se assim com tanta exaltação e unanimidade, o que levou o embaixador da França a escrever para a côrte de Paris: «Parece que ha, a proposito d'este processo, uma prova de forças dos dois partidos e que o partido do povo se demonstra inteiramente superior ao da realza.»

Os advogados dos bispos pediram para provar que a prisão tinha sido illegal. Os juizes não lhes permittiram que debatesses essa questã, mas consentiram em que os bispos fossem postos em liberdade, compromettendo-se a comparecer no tribunal ao fim de quinze dias.

A liberdade provisoria dos bispos foi recebida pela multidão que enchia as avenidas de Westminster como um presagio de successo. Os bispos foram conduzidos a casa por entre transportes da maior alegria.

A' noite, accenderam-se fogueiras e luminarias em Londres. As auctoridades tinham prohibido os ajuntamentos nas ruas depois de certa hora; mas sete annos de tímida obediencia ás me- nores ordens d'este genero déram

a todos, n'esse dia, vontade de experimentarem o contrario, de sahirem para a rua para se irem aquecer no ardor geral, de se aproximarem d'aquelles cujo contacto tinham evitado nos dias de terror. Os pensamentos, accumulados e contidos pela repressão, precisavam de se patentear e expandir. Depois de terem andado separados e divididos por questões secundarias, todos os inimigos do papismo e do poder absoluto se juntavam, emfim, e punham de accordo.

Durante os quinze dias que os bispos tiveram para preparar a sua defeza, a nobreza, a burguezia, o povo, aproveitaram todas as occasiões para manifestarem o interesse que essa causa lhes inspirava. A côrte quiz, no mesmo intervallo, renovar as festas do nascimento do principe de Galles. Um dia preparou um fogo de artificio junto de Whitehall; o povo, imaginando que os papistas queriam deitar o fogo a Londres, correu em massa, espalhando este sinistro boato; mas uma tempestade que sobreveio impediu o espectáculo, o que fez com que o povo se dispersasse, mutejando e rindo, vendo no contratempo um signal de que Deus tambem se encolerisava com a impostura, como o povo dizia do nascimento do principe de Galles.

### Traços d'Alma

O nosso ultimo numero veio cheio de traços d'alma, isto é, d'errores typographicos, taes como busca, em vez de brusca, queria em vez de cria, teem em vez tem, virgulas supprimidas ou trocadas, etc, etc.

Desde que o Cabecinha inventou os arames e declinou nos erros typographicos as responsabilidades dos traços d'alma, é a pouca vergonha que se vê.

Marchou para Agueda, afim de se ir incorporar na procissão dos Passos, que hoje se realisa n'aquella villa, a banda de infantaria 24 e uma força commandada por um capitão.

Por este motivo não temos hoje musica no jardim.

### THEATRO AVEIRENSE

Vamos ter 6 récitas de assignatura no Theatro Aveirense. A primeira é nos dias 20 e 21, pela excellente Companhia do Theatro D. Maria II, levando á scena as applaudidas peças o *Avarento* e *As Sabichonas*, que tão enorme exito tem obtido na capital.

A segunda é dada pela Companhia de Lucinda Simões, nos dias 2 e 3 de abril, com a *Tosca* e *Monsieur Alphonse*, que tão grande successo tem adquirido nos principaes theatros da Europa.

A terceira é dada pela Companhia de Rosas & Brazão nos dias 17 e 18 de maio com o *Castello Historico* e *Os Velhos*.

A assignatura para os 6 espectaculos acha-se já bastante adeantada nos Armazens da *Beira-Mar*.

## O SR. LIMA

Já vimos como Jayme de Magalhães Lima estabelecia a hypothese da suppressão do districto de Aveiro; como julgava indifferente para os interesses da cidade que houvesse aqui, ou não houvesse, regimento; como dizia que tanto importava que a barra estivesse, como não estivesse, em boas condições.

Vejâmos como o «Povo de Aveiro» lhe respondia, em 4 de abril de 1886:

«Todo o mundo sabe que a via maritima é muito mais importante para a industria e o commercio, sob todos os aspectos e por todos os motivos do que a via terrestre. Mas o illustre aspirante chronico a deputado por Aveiro, quer que esta terra seja industrial e commercial, mas não quer que tenha a barra em bom estado! Não é um grandissimo ratão? Só pelo facto de Aveiro ser uma terra essencialmente maritima, todo o mundo concluiria que seria uma das condições da sua prosperidade ter um porto regular. E tanto, que Aveiro foi opulenta e grande quando o teve, quando os seus filhos sahiram por alli em demanda de novas terras e de novos productos da industria e do commercio, e pequena e miseravel e mesquinha quando deixou de o ter. E tanto, que a industria da pesca e do sal, a primeira que o sr. Jayme, quer vêr engrandecida, a segunda já bastante adeantada, nunca chegarão á prosperidade que todos desejâmos emquanto os seus productos não tiverem uma sahida desafogada e larga. E não a terá com a barra no estado degradante em que se acha! E tanto, que dedicando se uma parte da população de Aveiro á vida do mar, é conveniente despertar-lhe o estimulo e sustentar-lhe a vitalidade da sua profissão pela nossa affirmação maritima. Mas tudo isto são lerias para o philosopho do Carmo. A barra, lá para elle, só tem importancia na alimentação das marinhas e salubridade das povoações. Emquanto todas as terras procuram melhorar os seus portos e pôr-se em communicação com o mar por meio de canaes, como por exemplo a cidade de Paris, a barra de Aveiro não lhe merece o mais pequeno sacrificio.

Assim como não quer barra, assim não quer regimento nem districto. O regimento é uma bagatella; o districto é outra, porque para elle o districto, no que toca á opulencia da cidade, cifra-se em trezentas pessoas para mais ou para menos na vida geral da povoação. O que elle quer é industria, é commercio, é fabrica de manteiga, é escola professional, é o diabo a quatro. N'isso é que está o futuro da cidade! Grande futuro, não ha duvida, com patriotas d'esta laia, que não são capazes de arriscar cinco réis na mais insignificante empresa industrial! Tudo isso era bom, sim sr. Mas era preciso que o sr., em lugar de estar a botar proza insossa lá do Carmo, procurasse com os seus capitães organizar as empresas que tanto reclama. E' o que fazem os homens do trabalho, os que não teem philosophias como as suas!

Entretanto aqui mesmo disparatou, está claro. Porque das duas uma: —ou a cidade de Aveiro é susceptivel de futuro industrial, ou não é. Se é, ganha com o regimento, ganha com

a séde do districto, porque quanto maior for a população, ou a parte da população mais abastada, maior é o consumo dos seus productos e portanto maior é a riqueza. Se não é susceptivel de nenhum futuro industrial, arrancar-lhe a população remediada é matar-lhe os ultimos lampejos da sua vida ficticia e portanto inutilisal-a completamente.

Mas o que fariam os srs. funcionarios civis e militares ao sr. Jayme? Elle não os quer cá nem por seis centos mil diabos. O que elle quer é pescadores, barqueiros, commerciantes, sal, laranja e feijão. *Sal, laranja, feijão...* e não quer mais nada? Não os admite cá, não senhores, e aqui anda coisa! E ateima que não são elles que sustentam os sapateiros, nem os alfaiates, nem os açougues. De accordo que não sustentem os açougues. Nem mesmo os pescadores os sustentam, seja dito para honra da familia e decôr da cidade. Todavia nem por isso v. ex.ª deixa de estar para ali a dizer muita tolice, tolices que talvez não dissesse se nas suas philosophias conhecesse uma lei muito elementar e muito simples que se chama a lei da *offerta e da procura*.

Posto isto, apoz esta condemnação tão flagrante da autonomia e fortuna da cidade, era de esperar que o philosopho do Carmo nos mostrasse a necessidade de sacrificar os interesses da terra em que nasceu a um grande interesse nacional. Que vantagens havia para o paiz na extincção do districto de Aveiro? Porque não devia existir este districto? Que felicidades viriam d'ahi aos povos? Eis o problema a resolver e que o sr. Jayme resolveu com a mestria que lhe é peculiar. Leiam, leiam. «Porque o concelho da Mealhada termina a dois passos de Coimbra e Espinho é de Aveiro e parece um bairro do Porto.»

E esta? Já viram outra assim? E tem aquillo aspirações a dirigente, a mestre, a sabio, a philosopho, a deputado por Aveiro, a ministro, presidente da Republica, e provavelmente... a rei! E que vos parece? O districto de Aveiro deve acabar para commodidade dos povos, porque Espinho fica mais perto do Porto do que de Aveiro e o mesmo succede a qualquer outra terreola do concelho da Mealhada que fica mais proxima de Coimbra. E a essa terreola e a Espinho sacrifica elle Aveiro, Ilhavo, Estarreja, Oliveira do Bairro e tantos outros concelhos que escusâmos agora de citar. E' famosa. Mas por esse andar dá cabo de todos os districtos, incluindo o districto de Lisboa. Se os não supprime a todos, pelo menos atenta contra a integridade d'elles todos.

Emfim, a cousa era de tanto pezo que o sr. Jayme reconsiderou e deu no fim este argumento por inutil. Inutil? Inutil, sim, «porque no governo civil e nas obras publicas não ha tanto movimento que se não ande lá muito á vontade» (textual)!!!

Depois volta ás fontes da nossa riqueza, sem mais nada explicar da utilidade para o paiz da extincção do districto de Aveiro, d'onde se vê que o argumento que deu por inutil foi o unico argumento. E a proposito das fontes diz que Coimbra com o districto e a Universidade não adeanta um passo e a Figueira vae enriquecendo; que Leiria é uma terra morta e Alcobaca e Covilhã são ricas etc. Então tire o districto a Coimbra, a Leiria, a Beja, homem! Dê com os districtos todos em pantana e metta lhe nas antigas capitães industrias ás carradas. Verá como Coimbra depois vae para deante!

E sempre a proposito das fontes, pede a exploração da ria, escolas profissionais para carpinteiros e marceneiros, escolas agricolas e manteiga. Deixe estar. *Manteiga* não lhe tem faltado e ella é que o tem posto n'esse estado. Se todos lhe fizessem o que nós lhe temos feito havia v. ex.<sup>a</sup> de ser muito mais util a si e á sociedade. Quanto ás escolas profissionais para marceneiros e carpinteiros, confiamos que hão de vir, quando v. ex.<sup>a</sup> for *pae da patria* e tiver votado a extinção d'este districto. E os carpinteiros e marceneiros ficarão depois habilitados a fazer palacios..... aos pescadores e aos barqueiros. Deixe estar, deixe estar, não se afflija! Quanto á exploração da ria, tambem esperamos que hade vir, quando Aveiro tiver filhos mais patriotas, mais trabalhadores, mais generosos do que v. ex.<sup>a</sup> e congeneres, que empreguem os seus capitães n'essa obra realmente grandiosa em lugar de os empregar no parasitismo do Estado ou nas operações d'usura, que nos teem arruinado e aviltado. Por fim lamentaríamos Aveiro por possuir uma raça de homens novos tão inuteis e imbecis, se Aveiro não merecesse antes com um chicote nas orelhas por os supportar e adular. Espere pelo resto, que ha de ter simplesmente a sorte que merece.

P. S.—O sr. Jayme de Magalhães *Lima volta á carga*. Voltaremos nós tambem.

Como se vê, o *sympathico menino*, o idolo do marechal de Liphut, o patrão da *Chafarica do Commercio* não dizia senão asneiras, não fazia senão comprometter os interesses da cidade que nós, homens sem *sympathias* e sem *amizades*, estivemos sempre na brecha defendendo.

Mas havemos de vêr mais. Havemos de vêr tudo. E iremos vendo, juntamente, como nós tivemos sempre *tendencia* para louvar ou lisongear *aquelle menino*. Nunca o tivemos na conta de biltorrio, como hoje. Isso não. Mas na conta de enfatuado, de bacoco, de prejudicial aos interesses de Aveiro, isso sempre.

Iremos vendo.

#### Ao sr. commissario de policia

Queixam-se-nos de que na estação do caminho de ferro layra uma grande anarchia da parte dos srs. cocheiros, que abandonam os seus carros, indo para as tabernas jogar, até fazerem horas da chegada dos comboios, isto com grave risco dos transeuntes, sem que appareça um guarda a faze-los entrar na ordem.

S. ex.<sup>a</sup> decerto ignora isto, porque se o não ignorasse, já teria, com certeza, providenciado para que cessasse o abuso.

Acaba de ser nomeado vice-presidente da commissão do novo hospital d'esta cidade o sr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães.

Foi uma nomeação acertada.

#### Feira de Março

Abre no dia 23 do corrente este importante mercado annual. Os srs. feirantes que se vão prevenindo.

O barracão do Rocio para a companhia do nosso amigo Domingos Candido da Silva, da antiga companhia do *Theatro Lisbonense*, está quasi concluido, devendo dar o seu primeiro espectáculo no dia da abertura da feira.

E' de esperar uma grande concorrência attendendo ao magnifico guarda-roupa e scenario, que é todo novo.

Dizem-nos que a companhia traz bons artistas, e um escolhido repertorio.

Vereinos e fallaremos.

## OS BOERS

Mais uma grande victoria acaba de alcançar o valente povo boer, que continúa assombrando o mundo com as provas repetidas do seu patriotismo, da sua coragem e da sua intelligencia!

Sem exercito permanente, que os rotineiros consideram indispensavel para a boa educação militar d'um paiz, não só apresenta excellentes soldados como brilhantissimos officiaes.

Além de tudo, a grande, a gloriosa lucta sustentada pelo povo do Transwaal contra a mais poderosa nação do mundo, tem a vantagem de provar que o exercito permanente não é, de fórma nenhuma, indispensavel á boa organização militar d'um paiz. Até aqui argumentavamos theoreticamente com a Suissa. E dizemos *theoricamente* porque embora a organização militar da Suissa seja excellente, e dê todas as garantias de segurança, a falta d'uma campanha onde a pequenina mas admiravel nação pudesse demonstrar o valor pratico d'essa organização era um ponto fraco nas discussões, deixando aos adversarios dos exercitos de milicias a facultade de poderem formular falsas hypotheses. A campanha do Transwaal, porém, tirou todas as duvidas e desfez todos os pretextos.

Não ha duvida que um exercito permanente, tal qual o mantem a Allemanha, é uma poderosissima machina de guerra. Mas não ha duvida tambem que os exercitos permanentes não são indispensaveis, como o vem provando o Transwaal, para formar excellentes soldados, habilitar magnificos officiaes e crear grandes generaes.

E, n'estes casos, dados os grandissimos inconvenientes dos exercitos permanentes, inconvenientes accetados e reconhecidos por todos, não teem que hesitar os espiritos cultos, progressivos, civilisadores. Impõe-se a preferencia dos exercitos de milicias, principalmente para as nações pequenas.

O Transwaal apresenta excellentes soldados de infantaria, de cavallaria e de artilheria. Apresenta, não um só grande general, mas uns poucos. Joubert, Cronje, Botha, De Wet, Delarey, e outros, seriam a gloria de qualquer nação europeia como são a gloria da heroica nação africana.

Todos aquelles militares demonstram o mais profundo conhecimento de estrategia e de tactica. Não desconhecem a balística, nem a sciencia das construcções. São profundos em toda a arte e em toda a sciencia da guerra. E, que é o mais notavel, não vieram aprender á Europa, embora d'aqui lhes fossem os elementos d'estudo.

Isto é importantissimo para a solução da grande questão militar, que se debate em todo o mundo. Os partidarios dos exercitos permanentes já não teem outro reducto, para se abrigar, senão o da differença de usos, costumes, e instituições, como se as instituições fossem inalteraveis e como se os usos, os costumes e habitos não mudassem com ellas.

Honra ao Transwaal, que está dando brilhantissimas lições ao mundo. Honra a esse povo heroico, que está sustentando a lu-

cta mais extracrdinaria que os seculos teem visto.

Muito pôde um povo, quando n'elle domina o amor da liberdade e da honra, quando não pululam n'elle os pulhas, como esses que tem levado Portugal á ultima ignominia.

Estes pulhas, de que Aveiro, como os leitores teem visto, apresenta os mais celebres exemplares, mas que abundam, quasi eguaes, no paiz todo, pulhas ignobeis, sujos, que não teem outro fito senão o de satisfazer o estomago, que não teem outra mania senão a dos luxos e grandezas, que não teem outra aspiração senão a do *bon tom*, pandilhas da mais infima especie, capazes de tudo para merecerem as boas graças dos que dispõem das influencias do poder, pandilhas que formam uma cadeia continua, que vem desde as mais altas até ás mais baixas cathogorias, creados de servir, na accepção degradante d'este termo, lacaios abjectos, verdadeiros biltres, ou sejam do estofa de conselheiros ou sejam do estofa de *Cabecinhas* e *mijavetas*.

Muito pôde um povo onde não pululam pulhas de tal ordem.

Quando, attentando em Portugal, olhamos para o Transwaal, não podemos fugir á tristeza infinda que resulta d'essa comparação, que nos avilta, que nos esmaga.

Glorioso povo, o povo boer!  
Grande povo!  
Heroico povo!

#### DR. MANUEL GONÇALVES DE FIGUEIREDO

Falleceu ante-hontem, n'esta cidade, o sr. dr. Manuel Gonçalves de Figueiredo, abalisado medico e distinctissimo professor do nosso lyceu.

Era o dr. Gonçalves de Figueiredo um cavalheiro dos mais respeitados de Aveiro. Sempre prompto a soccorrer os enfermos que da sua sciencia medica careciam, sem que de nenhum accetasse um unico real, deixando ainda por vezes, aos necessitados, quando retirava, esmolas avultadas para os medicamentos e alimentação.

A mendicidade de Aveiro tambem perdeu muito com a morte do seu bemfeitor.

A passamento d'este venerando ancião foi geralmente sentido.

O seu funeral foi um dos mais imponentes a que temos assistido n'esta cidade.

Que descance em paz. A familia do extincto, e especialmente a seu genro, sr. José Prat, enviamos o nosso cartão de condolencias.

#### CAVALGADURAS

Não perderemos occasião de mostrar a baixeza moral e intellectual dos pulhas.

E' esse o nosso fim.

Continuam nas chufas ao sr. Homem Christo pelos relevantes serviços prestados por elle ás classes populares, ensaiando em infantaria 14 o ensino aos analfabetos e tentando pagar esse ensino no exercito.

Os leitores, que teem visto tantas provas d'esta immundicie que suja e envergonha a cidade de Aveiro, que reparem mais n'essa. Que reparem, sobretudo, as classes populares avei-rensens.

Como sempre temos dicto, Jayme de Magalhães Lima, *Jaquim* de Mello Freitas e outros, adulando as classes trabalhadoras d'esta terra, porque d'ellas precisam para satisfacção das

suas vaidades e fins electoraes, não teem, no fundo, senão o mais absoluto desprezo por ellas. O sr. Homem Christo, não adulando ninguem, censurando, em todos, erros, vicios e pedantismos, nunca fez senão estima-las, nunca fez senão pugnar pelos aperfeiçoamentos e melhoramentos d'essa classe, até quando lhes censura os desvarios e os erros.

O desprezo de Jayme por essas classes em tudo se manifesta e em tudo se manifestou persistentemente. Foi sempre um inimigo da liberdade, da democracia, como iremos provando. Foi sempre um reaccionario. E um reaccionario é um inimigo do povo.

Todas as tendencias e manias d'esse homem são de *burguez fidalgo*.

*Jaquim*, querendo ostentar popularidade, tanto manifestava o seu desprezo pelos homens do povo, quando apregoava o seu casamento com a filha do sapateiro, como quando dizia que, por caso nenhum, por nenhum principio de dignidade, poderia accetar uma lista, que tinha sido venturada pelos sessenta carpinteiros, marneiros e sapateiros, que compõem o nucleo republicano d'esta terra.

Hoje, o sr. Homem Christo continúa sendo o que era, tentando levantar as classes populares por todas as fórmas, em geral, e pelo benemerito ensino aos analfabetos, em particular.

Elles continuam, da mesma fórma, sendo o que eram, dirigindo chufas ao sr. Homem Christo pelos seus relevantissimos serviços.

Não dizemos isto para disputar votos, que não queremos. Dizemo-lo para que as classes populares avei-rensens possam conhecer sufficientemente os bandoleiros, não se deixando illudir por elles.

O sr. Homem Christo, nas suas tentativas de ensino aos analfabetos do exercito, é applaudido em todo o paiz e por toda a gente.

Só os pulhas, que envergonham a cidade de Aveiro, lhe dirigem chufas. Registe-se.

Mas, n'essas mesmas chufas de mostram que são sempre as mesmas cavalgadas, sem deixarem de demonstrar que são sempre os mesmos pulhas.

Assim, entendem que escrevemos *asneira* dizendo que o sr. Homem Christo *habilitou os quadros* de infantaria 14.

As grandissimas cavalgadas, de quadros só conhecem os que se ostentam nas cavallariças, onde os patrões os fazem alimentar á custa do povo.

Tambem acham *assombro* que os officiaes e sargentos, que sahirem de infantaria 14 para habilitar os officiaes e sargentos dos outros corpos, precisem de cinco mezes para esse serviço, quando o sr. Homem Christo só precisou de trinta dias, em Vizeu.

Não ha pulhas eguaes. Mas, tambem, bestas assim não ha outras!

Cada official, que sahir de infantaria 14, ha de ensinar o methodo em regimentos differentes, habilitando os officiaes em cada um d'elles, sendo precisos trinta dias por cada regimento. E, por isso, não serão precisos menos de cinco mezes para que todos os officiaes, arregimentados no exercito, fiquem com os conhecimentos indispensaveis.

O sr. Homem Christo levou só trinta dias porque só teve que habilitar os quadros d'um regimento.

Grandes pulhas!

Mas grandes cavalgadas, ao mesmo tempo!

#### Um terramoto

Dizem de Paris, que se receberam alli tellegrammas directos de Baku, nos quaes se communicam noticias pormenorizadas dos mortos e estragos produzidos pelo espantoso terramoto de Schemakha.

O phenomeno sismico sentiu-se em uma região onde havia 126 localidades e 9.084 casas.

Ficaram completamente destruidas 3.496 d'estas, e soffreram maior ou menor prejuizo 3.943, além de 41 igrejas e 41 mesquitas.

As pessoas mortas em consequencia do tremor de terra, foram 86, e as feridas 60.

## O CONVENIO

E A

### PERSEGUIÇÃO A IMPRENSA

Continúa o governo nos seus furores contra a imprensa que se refere desfavoravelmente ao projectado convenio.

O nosso presado collega *O Norte* tem sido a maior victima com *O Mundo*, d'essas perseguições, que não se justificam com as circunstancias extraordinarias, que o governo invoca.

Circumstancias extraordinarias, que expliquem o procedimento do governo, só aquellas que imponham a suspensão de garantias. Ora as garantias não estão suspensas no Porto, nem em Lisboa, nem o governo pensa em suspendê-las.

Com a propria suspensão de garantias tem de haver uma norma de conducta, que não existe agora. Como se permite em Lisboa o que se não permite no Porto, e vice-versa? Como se permite em Lisboa uma coisa n'um sitio, e se prohibe a mesma coisa n'outro sitio?

Ao *Mundo* prohibiu-se aquillo que se permittiu ao *Diario das Camaras*. O sr. Alexandre de Barros, redactor do nosso prezado collega *O Norte*, foi preso como accusado de distribuir no Porto um pamphleto. Mas no Porto, diz *O Norte*, só se distribuiu o discurso do sr. Fuschini, já publicado pelo *Mundo* em Lisboa.

Isto é affrontoso, sem que contra uma affronta de tal ordem tenha havido o protesto merecido.

No parlamento ergueram-se duas ou tres vozes a protestar. O sr. Hintze Ribeiro respondeu com sobranceira e tudo se calou. Ao mesmo sr. Hintze Ribeiro foram representar dois ou tres jornalistas. O sr. Hintze Ribeiro tambem a esses respondeu com arreganho e os protestantes ficaram-se.

Vê-se que são protestos de cerimonia, *pro forma*, e não os protestos restitantes da legitima indignação que se apodera de quem tem sincero amor á liberdade e á justiça.

O que diz *O Norte*? O que diz *O Mundo*? Que não querem *controlé*, que o paiz não deve cabir no estado miseravel de accetitar a administração estrangeira. E mostram ao exercito, ao povo, a todas a classes o perigo que resultaria d'essa administração.

Mas não diz o mesmo o governo? Não é elle o primeiro a afirmar que não haverá *controlé*? Então porque persegue o jornal de Lisboa e o jornal do Porto?

E como é que, deante de tamanha falta de logica e de coherencia, fica tudo de braços cruzados?

O que se vê é que não ha imprensa em Portugal. Se a houvesse, não iriam dois ou tres sujeitos protestar ao ministerio do reino por simples decoro, mas todos os jornalistas dignos de tal nome se levantariam em massa a resistir.

O que se vê é que não ha parlamento, é que não ha nada. Cada vez se prova mais que o paiz cabiu n'uma situação verdadeiramente abjecta.

Entré a propria imprensa republicana não ha união nenhuma. E não ha união porque os homens não são animados pelo espirito da liberdade, pelo amor da democracia. Tudo se subordina a odios mesquinhos, a despeitos miseraveis.

Triste, tristissima coisa!

Não devemos ver nos peseguidos os homens que nos são antipaticos. Isso nada vale deante da affronta que representa a perseguição. Se vamos a pôr despeitos acima de principios, não ha salvação para ninguem.

O que é hoje contra aquelles de quem não gostamos será amanhã contra nós. O peor cancro d'uma nação é precisamente a falta de solidariedade social.

O espectáculo, a que estamos

assistindo, é vergonhoso. Os jornalistas monarchicos demonstram que antes de serem jornalistas são creados de servir. Que se affronte a liberdade e a instituição pouco importa, contanto que os patões não supprimam o salario.

Os jornalistas republicanos demonstram que os animos de preferencia o rancor e o despeito. O Norte e O Mundo vêm-se sósinhos e se seria difficil aniquilar vinte ou trinta e facilmente aniquilar um ou dois. E o que é hoje contra O Norte e contra O Mundo será amanhã contra outro qualquer.

Isto é vergonhoso e, além de vergonhoso, é asuatico.

Que se faça, ao menos, uma liga séria e levantada entre a imprensa republicana. Que em questões de principios sejam todos por um e um por todos.

Que se unam na defesa da liberdade e se o fizerem com sinceridade não de ver que basta para incommodar seriamente o governo.

Pelo nosso lado, não haverá odios nem despeitos pessoases que nos levem a calar a affronta que se fizer aos bons principios.

### LUCTUOSA

Victimada pela tuberculose, que ha tempo lhe vinha minando a existencia, succumbiu na segunda-feira, n'esta cidade, após alguns dias de cruciante soffrer, a esposa do sr. Joaquim Ferreira Felix, Bibiana Moreira. Era ainda nova. Pois contava apenas 24 annos de idade.

Ao sr. Joaquim Ferreira Felix e familia da finada as nossas condolencias.

### A cura da variola

A cura da variola está sendo um assumpto importante pelo descobrimento feito por um medico de Nice, o dr. Pietri. Este obteve, diz-se, um exito maravilhoso com o processo por elle inventado.

Trata-se pura e simplesmente de fazer tomar ao enfermo cinco ou seis colheres por dia de levedura de cerveja.

Immediatamente secam as pustulas, sem supuração nem febre, e ao cabo de seis ou oito dias não resta no corpo a menor marca das bexigas.

O dr. Pietri crê que a levedura fresca da cerveja é util no decurso da doença e constitue um abertivo da erupção variolosa.

### O analfabetismo

NO

### EXERCITO

Sob o titulo—«A Instrução no Exercito»—diz o nosso prezado collega «A Voz da Officina», de Vizeu:

«Tem feito a volta á imprensa alguns esclarecimentos que em carta de Vizeu publicou o nosso ineterato e illustrado collega O Povo de Aveiro, sobre o modo como é ministrada a instrução em infantaria 14.

N'ella se fazem referencias de todo o ponto justas ao capitão sr. Homem Christo, um dos officiaes mais dignos e illustrados do nosso exercito.

Em occasião oportuna diremos sobre o assumpto o que se nos affigurar de justiça»

### Cuidado com as mulheres

Se fores velho, e casado com mulher ainda nova, desconfia d'ella quando te começar a dizer: «Meu menino! meu amor! meu filhinho! sou tão tua amiguinha!...»

«Dê cá um beijinho, seu mau!» Espera-lhe pela volta, e verás como ella te apresenta a conta da modista, ou te pede algum vestido novo.

Quem as conhecer que as compre...

### CALINOS

O Mattoso *inconfundivel* tanta graxa pediu e accitou que se borrou. Cabecinha vem-o enchendo de ridiculo.

Sem merecimentos notaveis, Mattoso, não podendo figurar de outra fórma, quiz figurar de capitão-mór. Quiz ser o rei d'estas terras. A sua vaidade ficou satisfeita em se ver cercado de lacaios, engraxando-lhe as botas, limpando-lhe o casaco do pó, dobrando-se do chapéo na mão á sua passagem e dizendo *amen* a todas as suas palavras. D'esta fórma tem sido um elemento de terrivel desmoralisação entre nós. Toda a cidade é testemunha do servilismo nojento com que os *cabecinhas* de varias ordens se curvam ao morgado da Oliveirinha. Espectaculo desmoralizador e degradante.

Se Mattoso possuísse alguma superioridade, seria elle o primeiro a não consentir esse espectaculo. Mas Mattoso não só o consente, como o impõe.

Em tempos um amigo nosso, como já se referiu n'este periodico, pediu-lhe o favor de lêr com attenção um processo em que era juiz, visto os juizes, (termos da carta) por via de regra, não lerem os processos. Mattoso leu e fez justiça. Fez justiça, não ha duvida. Mas, ao ouvi-lo, dir-se-hia que a não fez, por isso que a todo o mundo apregoava o favor.

Visitava-o alguém de Aveiro e Mattoso apressava-se a dizer: «Sabe? fiz este favor a F.»

Se era commissão que lhe mettia requerimento, a mesma cantiga: «Sabem? fiz este favor ao homem.»

Em ponto obrigado em todas as conversas do Mattoso com individuos ou corporações da cidade. Era caso para o mandar desde logo *passar* com o favor.

No fundo, a presumpção do capitão-mór da aldeia que quer trazer tudo debaixo dos pés. Não comprehendia, nem admittia que um sujeito, que um dia lhe tivesse pedido um favor, grande ou pequeno, justo ou injusto, deixasse de se enfileirar no grupo dos engraxadores abjectos.

Mattoso, como verdadeiro morgado, o morgado da tradição, não queria homens ao pé de si. Queria lacaios. Só lacaios.

Pois ali tem hoje o resultado. Os lacaios enchem-no de ridiculo. O Mattoso *inconfundivel* O'estatura divina! O'palavra celestial! O'crueldade austera do tyranno!

«Poderão dizer que deve muito á politica, porque são muitos os favores que tem feito, mas é a politica que muito lhe deve a elle. Se foi deputado, deve-o ás suas sympathias populares, e, n'essa qualidade, procurou sempre ser util ao seu paiz e á sua terra natal. O logar que tem na camara dos pares é o unico que a politica lhe deu, que tinha obrigação de dar, que nem é favor.

Disse-nos um dia: —«Meu amigo, dada a ordem natural das coisas, sendo você mais novo do que eu, quando eu morrer, escreva só duas linhas e diga que morreu um homem de bem que procurou sempre servir o seu paiz.»

Isso ha de perdoar, excellentissimo Mattoso. Mas não pôde ser. Nem o excellentissimo foi sincero. Se elle em vida tem escripto do excellentissimo duzias de linhas como havia d'escrever só duas depois da morte? Ha de perdoar: o excellentissimo não foi sincero. Isso não é necrologio que se peça sinceramente. A não ser que o excellentissimo calculasse que, sendo certo que *morrendo o bicho morreu a peçonha*, como diz o povo, o breguirete do Cabecinha, não tendo já esportulas a esperar, fosse capaz de não escrever coisa nenhuma.

Mas não. Cabecinha é grato. Não. Não. Não, excellentissimo Mattoso, o necrologio ha de ser pomposo. Não, excellentissimo Mattoso, não ha de ser necrologio de campa rasa. Não, excellentissimo Mattoso, necrologio de

pobre não pôde ser, não deve ser. Queremos necrologio de tumulo, d'um tumulo que esteja em proporção com a *vivenda deliciosa, onde as recordações pelo que foi e que por isso tem uma grande importância familiar e politica, reúne uma vegetação opulenta, um parque delicioso cheio de sombras e de frescuras que bem lembra o Bussaco na inteira magestade das suas florestas.*

Não, excellentissimo Mattoso, o aqui jaz um homem de bem que procurou sempre servir o seu paiz, é affronta.

Então, pouco por pouco, diga-se ao menos isto, que é estylo poetico e nobre:

Aqui jaz o pagina d'esplendida alegria que foi a crueldade austera do tyranno.

Isto ao menos é digno do glorioso discipulo do poeta das *Garatujas*, do glorioso adepto do *chronista das flores*, do amigo do *illustre parlamentar*, que é, ao mesmo tempo, um *distinctissimo escriptor*, d'aquelle por quem suspira o Serpa Pimentel e o Casal Ribeiro lá do outro mundo e para quem o Trindade Coelho e o Buião Pato mandam beijinhos *pelos arames*, sem falar no amor do Aniceto e do Venancio, e pondo de parte os parabens do *illustre parlamentar* que é, ao mesmo tempo, um *distinctissimo escriptor*.

Aqui jaz o pagina d'esplendida alegria que foi a crueldade austera do tyranno.

Isto sim, que é estylo poetico, estylo nobre, estylo heroico. Isto sim.

### Feira da madeira

Realisa-se na proxima quarta-feira, n'esta cidade, a feira da madeira chamada de S. José.

### Perdas Inglezas

Os jornaes londrinos publicam a lista das perdas soffridas pelas tropas inglezas na Africa do Sul, desde o principio da guerra até ao fim de fevereiro do anno corrente: 20:902 soldados e officiaes mortos, sendo 89 officiaes e soldados 4:900 no campo da batalha; 173 officies e 1:700 soldados por motivo de ferimentos; 304 officiaes e 12:030 soldados por effeito de doença. Além d'esta cifra ha 5 officiaes e 97 soldados mortos por accidentes, e 7 officiaes e 470 soldados mortos depois de seu regresso á Inglaterra.

### LIBERDADE DE CONSCIENCIA

Alguns jornaes tem referido o caso de ser transferido um soldado de Infantaria 5—Lisboa—para Infantaria 10—Bragança—pelo facto de, sendo protestante, não se querer confessar ao capellão do regimento.

Acrescentam esses periodicos que o mesmo soldado, sendo de infantaria 14, não soffreu castigo nem perseguição alguma, o anno passado, n'este regimento, negando-se comtudo, da mesma fórma, a confessar-se.

Assim é, mas não cantem louvores a infantaria 14. No exercito não ha liberdade alguma de consciencia, não se attende, não se respeita, como, aliás, succede fóra do exercito—vivemos em pleno regimen de sachristia—e se o soldado não foi castigado em infantaria 14, como foi castigado em infantaria 5, foi por um mero acaso.

Em infantaria 14 o soldado disse antecipadamente, ao seu capitão, que, sendo protestante, não podia cumprir os preceitos da religião catholica. O capitão transmittiu superiormente a declaração do soldado, acrescentando que os regulamentos lhe não impunham a obrigação d'elle se confessar. Não foi do mesmo parecer, comtudo,

o commandante do regimento, que era então um tal senhor José de Figueiredo, actualmente coronel de infantaria 9. O senhor José de Figueiredo declarou logo que o soldado seria castigado, se o capellão participasse qualquer coisa contra elle.

O capitão, que conhecia os habitos do regimento, disse ao soldado que não commettesse nenhum acto de desobediencia, que fosse, por isso, á egreja, mas que declarasse ali, ao capellão, respeitadamente, que se não podia confessar por não seguir a religião catholica. E que não fizesse alarde nenhum do facto.

O soldado assim fez. O capellão apontou-o na relação da companhia como não se tendo confessado. Mas a secretaria não olhou mais para a relação, o padre não quiz fazer d'inquisidor—honra lhe seja—o capitão calou-se e o pobre soldado passou a salvo.

Eis como os factos se passaram. Apezar de ser expresso o art. 37 do *Regulamento Geral* que diz, no § 2.º, tratando dos deveres do capellão, que este deve «ouvir de confissão e administrar os sacramentos, que pelas leis canonicas lhe são permittidos, aos individuos do regimento, sempre que a elle recorram», no exercito ha pouco respeito pela liberdade de consciencia e leva sempre para baixo o pobre soldado que ousar invocá-la. Injustiça tanto maior quanto é certo os officiaes não se confessarem, geralmente, sem que por isso sejam castigados. Em infantaria 5 não se confessou, com certeza, a quasi totalidade dos officiaes. Porque não foram estes transferidos, como foi transferido o soldado?

A *Carta Constitucional* admittie todas as religiões. A lei, accetando o registo civil, accetia os portuguezes que não tenham religião nenhuma. Como se pôde obrigar no exercito qualquer militar a seguir a religião catholica romana?

Não pôde ser.

Harmonisem as leis para acabarem com monstruosidades como essas de castigarem soldados que, não sendo catholicos, ou não tendo religião nenhuma á sombra da lei, pela mesma lei, segundo entendem alguns interpretadores pharisaicos, são castigados e perseguidos por não serem catholicos.

Abaixo com essa revoltante chicana.

### Creança afogada

Mais uma desgraça devida á incuria dos paes. Uma creancinha de 3 annos de idade, afogou-se no esteiro de Santos Martyres, sem que ninguem a podésse salvar.

### PALAVRAS SANTAS

Em 18 de fevereiro de 1899 escrevia-nos o illustre *Mijareta*:

«E se eu algum dia me affastar uma linha que seja do procedimento que me impuz e que tem de ser sempre harmonico com os principios que apregoei e que de alma e coração defendi: se vir na minha vida uma incoherencia que lhe demonstre menos seriedade, caracter mau, *dou-lhe ordem* e peço-lhe até que, em vez de guardar as minhas cartas, me *desmascare* para elucidação dos outros.»

Está dicto então. Trataremos de desmascarar o illustre *Mijareta*.

E' mais um *figurão* para a galeria dos muitos em que Aveiro abunda.

O mais engraçado é que *Mijareta* dizia e escrevia n'esses tempos, que bem recentes são, *cobras e lagartos de Marechal de Liliput*, como *Marechal de Liliput* dizia *cobras e lagartos* do illustre *Mijareta*.

Hoje são dois n'um só!

*Mijareta* ORDENA que pu-

bliquemos as suas cartas, que o DESMASCAREMOS.

Está dicto então.

No fim de contas o *Cabecinha* foi um grande achado.

Como elle veio servir, o idiota, de instrumento inconsciente da nossa justiça e da nossa vingança!

O idiota!

Os idiotas!

Nós com as mãos cheias de documentos, dos quaes não temos publicado nem a centesima parte, documentos terrivelmente compromettedores, alguns, e elles a brincarem com o fogo.

Nós cheios de provas da publicidade dos pulhas, e elles a quere-mos que as publicemos!

Nós com todos os elementos precisos para os annullar deante do publico, para os expôr, a esse publico, como verdadeiros pelintrões, como verdadeiros malandrins, a todos elles, todos, todos, e elles a brincarem, com a inconsciencia de perfeitos imbecis.

Idiotas!

Grandissimos idiotas!

### N'um confessorario

—Diga lá o Padre Nosso.

—Padre Nosso, que estaes no ceu, santificado... santificado... santificado...

—Segue ou não segue, seu grande burro?...

—Seja o vosso nome...

O confessor poz o penitente fóra da egreja.

### «Povo de Aveiro.»

Em Aveiro, vende-se na «Pasteleria Cysne.» Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

### A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

DO

### SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 153, rua da Prata, 160 — LISBOA.

Preço 200

### SAFADISSIMOS

Os bilontras querem explicações sobre a propriedade do *Povo de Aveiro* e extranham que tendo-as nós prometthido ainda as não tivéssemos dado. Se as não demos ainda é porque os factos são tantos, e tanto temos tido e temos que dizer, que impossivel se torna dizer tudo n'um dia.

Mas ha de se dizer tudo. Tudo! Descansem. Havemos de responder a todas as objecções, desfazer todas as insidias, para que os safadissimos biltres não larguem a grillheta que lhes atámos ao pé. Não queremos que os leitores fiquem com a minima duvida a respeito do valor moral dos pulhas.

Como expoliaram indignamente o dr. Alvaro de Moura, como, para isso, usaram de processos de verdadeiros gatunos, como o padre Vieira desceu até á indignidade de comprometter a sua palavra na affirmação de que a *Vitalidade* era do *Cabecinha* e só do *Cabecinha*, affirmação completamente falsa, como se viu, affirmação a que chegou para fugir á responsabilidade de jogar o *Cabecinha* como gato podre, querem vêr se deixam no espirito publico a impressão de que os outros tambem possuem as chagas que os tornam asquerosos e immundos.

Pois enganam-se.

E vamos lá hóje á historia da propriedade do *Povo de Aveiro*.

Quem fundou o *Povo de Aveiro* foi Antonio Mourão e Arthur Paes. Por escriptura de 10 de

maio de 1882 vendeu Arthur Paes a sua parte (metade) por 322:000 réis a Ponce Leão Barboza. Por escriptura de 4 de janeiro de 1883 vendeu Antonio Mourão, por réis 250:000, a parte, que lhe pertencia, a Manuel Christo, Fernando Christo e Francisco Rodrigues da Graça. Em 7 de agosto, do mesmo anno de 1883, lavrou-se uma escriptura de sociedade entre Antonio Ponce Leão Barboza, Fernando Homem Christo, Manuel Homem Christo, Francisco Rodrigues da Graça, Sebastião de Magalhães Lima, Francisco Homem Christo, João Simões Peixinho, Bernardo da Cruz Maia, Antonio Augusto Mourão e Anselmo Ferreira para dividirem por igual (termos da escriptura) todos os lucros e responsabilidades respeitantes á propriedade do jornal «Povo de Aveiro».

A sociedade manteve-se até á morte de Antonio Mourão, em outubro de 1887. Em 23 de abril de 1888, Manuel e Fernando Homem Christo, que, juntamente com Antonio Mourão, eram, pela escriptura de 7 de agosto de 1883, os directores e administradores do jornal e typographia, apresentaram em juizo as contas da sua administração, com um passivo de 1:008:295 réis. E pediam que embora os socios fossem 10 se dividisse aquelle passivo só por 9, visto um d'elles ser fallecido e não ter deixado bens por onde podesse pagar. Todos os socios citados confessaram a acção, excepto Sebastião de Magalhães Lima que veio com embargos, nos quaes, sem impugnar a seriedade e legitimidade das contas, allegou que fez parte da sociedade mas que por motivos diversos renunciara, pagando o que devia, o que se contestou como falso. Os embargos foram julgados improcedentes, por sentença de 18 de outubro de 1889. O embargante appellou e só foi attendido na parte das contas referente ao anno do fallecimento do socio insolvente — accordão da Relação do Porto de 24 de outubro de 1890. Do respectivo accordão houve recurso, de que nada consta no processo. Os embargados pediram execução contra o embargante, pela parte liquidada da sua responsabilidade, e elle pagou. Dos outros socios pagaram Anselmo Ferreira e Bernardo Maia a quantia de 45:000 réis cada um, e, mais tarde, igual quantia os herdeiros de João Simões Peixinho, ficando Manuel Christo com o encargo de pagar o resto e em troca d'esse encargo com o material da typographia.

E eis tudo. Não houve aqui expoliações, nem burlas. Ninguem se aproveitou aqui da falta de documentos legaes para se apoderar novamente d'aquillo que estava vendido. Ninguem vendeu para negar mais tarde que tivesse vendido, como no antro immundo que representa a politica de Jayme de Magalhães Lima. Aqui tudo se passou legalmente, á luz do dia, e todas as questões, sobre que houve controversia, se liquidaram a nosso favor nos tribunaes. Perderam todos, mas perderam todos legalmente. Quem se mette em negocios é para perder, ou ganhar, e em negocios de jornaes quem se mette para ganhar não dá provas de grande juizo. E' verdade que alguns não se mettem para ganhar, mas para fazerem do periodico instrumento das suas vaidades ou das suas intrigas, mas esses perdem conosco o tempo e o feito.

Perderam todos, mas legalmente, e perdendo nós mais do que nenhum. E' o que fica provado. Assim a quadrilha do pasquim, que representa a politica do morgado do Carmo, podesse provar que não burlou e expoliou o dr. Alvaro de Moura.

Vizei vae ser illuminada a luz electrica. A camara já abriu concurso para o respectivo fornecimento.

## HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA De 1820

Illustrada com magníficos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fascículos semanaes de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas ..... 60 réis  
Cada vol. brochado... 1:500 »  
Obra completa (4 vol) 6:000 »

A assignatura por fascículos pode ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Mello Guimarães.

### As confissões

Tem sido muito diminuto o numero de pessoas que este anno tem ido ao confesso. E' que o povo já vae abrindo os olhos...

### Acratas em Elvas

Descobriu-se agora em Elvas um centro de raizes bastante profundas e antigas, e de fins revolucionariamente attentatorios do bem estar social. Dizem que o indigitado chefe d'esse movimento, um pintor chamado Avila, foi preso, e que a associação de que elle era a alma, existia ha uns dez annos, e contava uns cincoenta associados, tendo relações intimas com associações análogas de Badajoz, e mantinha uma escola onde se ensinavam as doutrinas mais subversivas e perigosas.

Quer dizer que ha dez annos Elvas servia de coio a uma associação de perigosos intuitos e as auctoridades lá do sitio nada sabiam, ou não se encommodavam com isso.

### Regulamento geral dos Serviços de Saude e Beneficencia Publica

A Bibliotheca Popular de Legislação, com sede na rua de S. Mamede, 111, ao Largo do Caldas, Lisboa, acaba de editar este novo Regulamento, sendo o seu custo 300 réis, (franco de porte).

## ANNUNCIOS

### ARMAÇÃO PARA PHARMACIA

VENDE SE uma composta de quatro estantes e balcão. Para vér e tratar na Mercenaria 12 de Agosto, de Francisco Casimiro da Silva.

AVEIRO

## DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

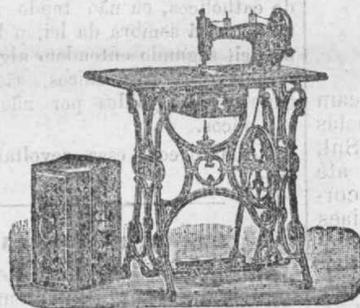
“PFAFF,”

Fundada em 1862

EM

Kaiserslautern

São estas as melhores machinas de costura



- A machina PFAFF para costureiras.
- A machina PFAFF para alfaiates.
- A machina PFAFF para modistas.
- A machina PFAFF para sapateiros.
- A machina PFAFF para seleiros.
- A machina PFAFF para corrieiros.
- A machina PFAFF para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.

Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.

Conserta-se machinas de todos os systemas. Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

## FERRAGENS,

zincos, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarras, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

## ARMAZENS

DA

# BEIRA-MAR

DE

MANUEL CONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aquí levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

## CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéns para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flóres artificiaes e coróas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

## MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

## PARA E MANAUS



Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil, passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes, a preços reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e Lisboa.

As passagens tomadas n'esta agencia gosam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas companhias ao srs. passageiros; tambem se sollicitam passaportes e trata-se de obter no Porto e nas provincias todos os documentos necessarios para os mesmos.

### Passagens gratis

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 13 de cada mez em Leixões. Para mais esclarecimentos, dirigir aos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

Africa Occidental

Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

ABEL, PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO